



A DIVERSIDADE NO IMAGINÁRIO REVELADA EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA MATINTA

DIVERSITY IN IMAGINARY REVEALED IN AUDIOVISUAL PRODUCTIONS: A REPORT ON SCHOOL EXPERIENCE IN THE CONSTRUCTION AND REPRESENTATION OF MATINTA

Natália Cristina dos Santos Silva da Costa¹

Universidade da Amazônia (UNAMA)

Alcir Nascimento da Costa²

Universidade Federal do Pará - PPGARTES

Augusto César Nascimento da Costa³

Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC)

André Nascimento Teixeira⁴

Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC)

Luis Gustavo Rodrigues Saldanha⁵

Universidade Federal do Pará - PPGARTES

Resumo: O trabalho apresenta o relato de uma experiência com proposta pedagógica que culminou em produções audiovisuais, com o tema principal da Lenda da Matinta. Os participantes da pesquisa foram os estudantes de 6 turmas do Ensino Médio em Tempo Integral, da Escola Estadual Prof. Temístocles de Araújo. Com o objetivo de oferecer aos estudantes uma experiência imersiva em uma das lendas locais mais populares, vislumbrou-se, para além da ampliação do aprendizado atinente à identidade cultural, identificar as

¹ Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/UNAMA. Especialista em Língua Inglesa e suas literaturas (FIBRA) e Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e sua Literaturas (UNIASSELVI). Graduada em Licenciatura em Letras – Português e Inglês (UNIP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228878179197332>.

² Doutorando em Artes pelo PPGARTES/UFPA. Mestre em Artes pelo PROFARTES/UFPA. Especialista em Metodologias do Ensino das Artes (UNINTER), Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho (UFPI), Educação Especial e Inclusiva (UNIASSELVI), Graduado em Educação Artística com Habilitação em Música pela UEPA. Professor efetivo de Arte na SEDUC/PA e SEMEC/BELÉM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4632473491376540>.

³ Mestre em Artes pelo PROFARTES/UFPA. Especialista em Metodologias do Ensino das Artes (UNINTER), Graduado em Educação Artística com Habilitação em Música pela UEPA. Professor efetivo de Arte na SEDUC/PA, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0794987002544492>.

⁴ Mestre em Artes pelo PROFARTES/UFPA. Especialista em Educação para as Relações Étnico Raciais, História e Cultura Afrobrasileira e Africana (IFPA), Graduado em Educação Artística com Habilitação em Música pela UEPA. Professor efetivo de Arte na SEDUC/PA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1557408093598082>.

⁵ Doutorando em Artes (PPGARTES/UFPA). Mestre em Artes (PROFARTES/UFPA). Licenciado Pleno em Música (UEPA). Professor efetivo da (SEDUC/PA) e (SEMED/MR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2425839161734450>.



diferentes *matintas* que povoam o imaginário dos participantes. Para tanto, realizou-se rodas de conversas, exibição de curtas (em um total de 6 vídeos) e debates fundamentais para a produção artística. O que ratificou a percepção de uma variedade de representações da lendária personagem Matinta, destacando-se no processo a forma humanizada que a mesma apresenta.

Palavras-chave: Matinta Perera; Lenda Amazônica; Imaginário; identidade cultural; audiovisual.

Abstract: The work presents an experience report with a pedagogical proposal that culminated in the production of audiovisuais, whose main theme was the legend of Matinta. The research participants were students from 6 full-time high school classes at the Temístocles de Araújo state school. With the aim of offering students an immersive experience in one of our most popular legends, we envisioned, in addition to expanding learning about our cultural identity, identifying the different matintas that populate the participants' imagination. To this end, we held conversation circles, screening of short films and debates that consolidated the artistic production (six short film videos) that allowed us to perceive a variety of representations of Matinta, especially in terms of the humanized form that it presents.

Keywords: Matinta Perera; Amazon Legend; Imaginary; cultural identity; audio-visual.

1. INTRODUÇÃO

Pensar as narrativas míticas da Amazônia faz emergir a potência do imaginário que povoa o cotidiano dos povos amazônicos, determinando sua identidade cultural. Nesse sentido, é inevitável o vislumbre do grande potencial educativo que o imaginário amazônico pode oferecer ao trabalho docente junto a estudantes de educação básica.

Para além da valorização da cultura local, tal proposta tem sua justificativa sedimentada na reflexão e desdobramentos educativos que as lendas locais podem oferecer, sendo estas um importante recurso para o aprendizado de estudantes de diferentes modalidades e etapas dentro do nível básico.

Apresentamos, no presente trabalho acadêmico, um relato de experiência que culminou em produções audiovisuais realizadas por estudantes do Ensino Médio de uma escola pública na periferia da cidade de Belém-PA. As produções tiveram como ponto de partida um desafio proposto para as turmas. Os estudantes, divididos em equipes, deviam desenvolver um roteiro inspirado nos conhecimentos e experiências



peçoais consolidados com a lenda da Matinta Perera⁶. Em seguida, o roteiro precisava ser adaptado a um vídeo de curta metragem (até 30 minutos de duração), no qual os próprios estudantes atuariam apresentando suas visões pessoais a respeito da lenda.

O intento principal do professor/pesquisador foi verificar possíveis variações de narrativas, bem como verificar variações de construção/representação da personagem Matinta Perera. Assim, esperou-se confirmar ou refutar a ideia de que a lenda é estática, apresentando uma única narrativa e uma única descrição visual. De tal modo, o relato expõe um recorte da cultura amazônica e de como o imaginário se manifesta em diferentes tons e cores diante do olhar sensível e reflexivo de construções audiovisuais sedimentadas em narrativas que estão inseridas na cultura, mas que lamentavelmente não recebem a devida atenção no contexto escolar.

Como resultado, podemos afirmar que a abordagem de objetos de estudo como facilitador do protagonismo dos estudantes proporcionou forte engajamento tanto na organização quanto na execução das etapas produtivas. Assim como se pode experimentar um diálogo com a Lenda da Matinta Perera sob uma nova perspectiva. Isto é, sob o olhar dos estudantes. Logo, as produções audiovisuais dos participantes constituíram-se principal instrumento de coleta de dados.

2. O ESPAÇO SOCIAL COMO GERADOR DE VARIANTES NAS LENDAS

2.1 A MATINTA QUE POVOA O IMAGINÁRIO COLETIVO E SUAS VARIAÇÕES

Partindo dos espaços sociais tradicionais da cultura urbana e da cultura rural, emanam as manifestações culturais próprias de nosso povo, ora com particularidades de cada espaço, ora em um notório movimento de articulação fortemente permeável, no qual o diálogo entre as diferentes manifestações culturais de tais espaços enriquecem as narrativas com variações. Segundo Loureiro:

Na Amazônia pode-se reconhecer ainda nitidamente dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura, cada qual assinalado por características bem definidas, mas também marcado por uma forte articulação mútua, que se

⁶ As grafias referentes ao ser mítico variam entre “Matinta”, “Mati-tapere”, “Matinta Pareira”, “Matinta Perera”, “Matinta-Perêra”, “Matinta-Perera” e “Matintaperêra”, de acordo com as fontes, contando com variantes de nome simples, nome duplo sem hífen, nome duplo com hífen, nome duplo aglutinado, com a letra “i” ou supressão dela no segundo nome e com ou sem acento circunflexo na segunda vogal “e” da segunda palavra do nome.



processa em decorrência de procedimentos próprios ao desenvolvimento regional: o espaço da cultura urbana e da cultura rural. (Loureiro, 2015, p.76).

Como evidência das variações impostas pelas influências dos espaços urbano e rural, consideremos, no caso específico da Lenda da Matinta Perera, como a personagem principal aparece descrita na literatura, na música e em outras formas de expressão. Conforme destaca Oliveira e Barbosa (2021, p. 24), o escritor Walcyr Monteiro descreve a Matinta como uma mulher com cabelos longos que anda pelo bairro da Pedreira (zona oeste da capital paraense) emitindo silvos em busca de tabaco.

Pinho (2019, p. 80) entrevistou ribeirinhos no distrito de Nazaré em Porto Velho (capital do estado de Rondônia), tendo a lendária figura como objeto de estudo. Os relatos coletados apresentam diferenças quanto a descrição da lenda. Para parte dos entrevistados a Matinta se manifesta apenas como assovios emitidos em áreas de mata, portanto sem uma descrição visual da figura. Enquanto que outros relatores endossam a ideia de que a Matinta é uma mulher idosa com apenas uma perna.

Quanto aos relatos catalogados em campo, especialmente os das entrevistas com participantes moradores do bairro do Guamá em Belém, Pinho, (2019, p.78 e 79), deixa claro que no imaginário dos participantes da pesquisa a Matinta é uma maldição com poder de transformar, durante noites de lua cheia, o amaldiçoado em coruja, também conhecida como rasga mortalha, que com silvos insistentes importuna os moradores locais até que seja oferecido tabaco. Aquele que prometeu a oferenda recebe a visita de uma senhora idosa com caroços nas costas, supostamente por onde se projetam suas asas. Também é atribuído a Matinta a função de protetor da floresta e nessa variação da lenda a Matinta Perera é descrita como uma mulher apavorante, que a noite se transforma em um belo pássaro que protege a floresta.

Em busca de diferentes descrições visuais da Matinta encontramos letras de músicas que evidenciam a diversidade descritiva da lenda. Assim, destacamos nas letras de canções o aparecimento da Matinta de Waldemar Henrique como “Preta velha, pé de pato”. O Grupo Boi Garantido apresenta sua Matinta sendo uma velha



malvada que ao se transformar em Matinta assume a forma de uma fera voadora, cujo vento de suas asas sopra e varre o chão da floresta. Para o Grupo Boi Caprichoso trata-se de um fantasma maligno com cabelos compridos e com o corpo coberto de palha. Allan Carvalho, compositor da música *Juro que vi*, descreve em sua canção a Matinta como “Preta velha, pé de pato que tem cheiro de fumaça e é capaz de desorientar pessoas na mata. Transformada em ave com seu grito busca cachaça e tabaco levando medo as pessoas”.

Tabela 1: Letras de músicas e canções que descrevem a Matinta

Artista/Grupo musical	Música/ Composição	Fragmento da canção
Waldemar Henrique	Matintaperêra	...Matintaperêra de tardinha bem buscar/O tabaco que ontem à noite eu prometi:/Queira Deus ela não venha me agoirar... Ah! Matinta Preta Velha/Mãe Maluca/Pé-de-pato Queira Deus ela não venha me agoirar.../Matintaperêra Chegou na clareira/E logo silvou...
Boi Garantido	Matinta	Vem das matas da Amazônia/A fera que voa na escuridão/Seu assobio estridente espalha agouro e assombração/A ventania de suas asas sopra a floresta e varre o chão/Pavor, arrepio, corpos que tremem/Ao ver a fera em transformação/Quem será? Quem será?/A velha malvada engerada em Matinta/Quem será? Quem será?/A cabocla que foi condenada pela maldição
Boi Caprichoso	Matinta Perera	Corpo coberto de palha, cabelo comprido risada fatal Matinta-Perera, Matinta-Perera, velha fantasma do mal.
Allan Carvalho	Juro que vi	Noite escura Lua nova sem estrelas/Soberana permeia a ave derradeira/Atrás de incrédulos confrades desencardos/Correm que agora é a ave de encantados/Outrora mulher em noite de luar Vários varões se perderam em seu olhar/Cheiro e fumaça de um pito de taquara/Desencantam ave rara em alvorada/No fim da tarde quando o vento dá geral/Caboclo aquieta com grito do matagal/ Pois não é lenda, sua sina sorradeira/Juro que vi Matinta perera/A preta velha, pé de pato/Pede cachaça e tabaco/Pois não é lenda/sua sina sorradeira/Juro que vi Matinta perera

A pesquisadora Fares (2007, p. 68) conclui, a partir dos relatos de moradores da cidade de Bragança-PA, que há, pelo menos, três tipos de Matintas. Isto é, aquelas que voam (relatos de pássaros como corujas que supostamente são Matintas), as que são invisíveis (são percebidas pelos sons que emitem ou cheiros que exalam e até por contatos físicos, mas que não se permite visualização) e as que caminham (frequentemente descritas com forma feminina e envelhecida que lembram bruxas medievais, mas, como se trata de uma maldição, é possível que qualquer um que aceite a oferta da Matinta seja condenado a carregar a maldição



transformando-se em Matinta. Deste modo, se justifica o fato das variações da lenda nas quais os diferentes gêneros e características físicas apresentam-se).

Nas suas considerações a respeito da lenda, Fares (2007, p. 68) evidencia que, para além das variações da própria personagem Matinta, há uma variação no enredo da lenda quanto ao espaço de ocorrência, com uma alternância entre o ar, domínio dos pássaros, e da terra, domínio do ser caminhante. Quanto ao tempo da ocorrência as narrativas revelam a predominância das aparições durante a noite, mas podendo ocorrer a luz do dia também. Assim, frequentemente, o retorno a imagem normal do portador da maldição ocorre durante o dia. O tabaco e o café aparecem predominantemente como oferendas capazes de satisfazer o clamor caracterizado por seu canto assustador.

A variedade de *matintas* é o produto de interferências que se consolidam na interação intercultural mais comum no meio urbano, onde a informação transita de forma mais frenética por intermédio da tecnologia de comunicação, que aproxima povos e culturas. Segundo Loureiro (2015, p.78), por se caracterizar pela transmissão oral no espaço rural, a cultura resiste a mudanças e variações, mantendo-se mais tradicional. Enquanto que no espaço urbano, caracterizado por um dinamismo apressado, ocorrem trocas simbólicas oriundas de relações interculturais bem mais frequentes e diversificadas, que favorecem as transformações culturais.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do levantamento do referencial que levou ao maior conhecimento sobre o imaginário amazônico, em especial, suas oscilações identificáveis em diferentes narrativas a respeito do mesmo mito, estabelecemos a organização das intervenções pedagógicas buscando observar como os participantes idealizam as lendas e os *encantamentos* de nossa região. Para tanto, por limitação de tempo na a execução da proposta, adotou-se a prudência de focalizar em apenas uma lenda.

Vale retomar que tivemos como participantes da pesquisa estudantes de turmas de Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Integral Prof. Temístocles de Araújo. Após a realização de uma enquete com tais estudantes, os mesmos



escolheram a lenda da Matinta Perera, sob a justificativa, segundo eles, de ser a lenda mais conhecida e relatada nas conversas em círculos familiares e de amigos.

Após a definição da lenda a ser trabalhada, para que não houvessem influências ou interferências nos resultados, definimos a não apresentação de informações aos participantes sobre a lenda, apenas estimulamos os estudantes a externarem de que maneira a Matinta encontrava-se presente no imaginário deles. Para tal, encaminhamos, como proposta de intervenção, uma oficina de produção de vídeos de bolso que culminaria com uma produção autoral em cada turma atendida.

Estabeleceram-se três encontros, cada um como duas aulas de 50 minutos de duração. Nos encontros foram exibidos curta-metragens e apresentadas suas características. Assim como foram apresentados aspectos técnicos de filmagem, como enquadramento e ângulo de câmera, captação de áudio, edição, tempo e formato de vídeo.

Posterior a esse momento de preparação da produção audiovisual, mediamos o desenvolvimento de roteiros baseados nas vivências dos participantes. Vivências relativas a experiências com a lenda da Matinta. Para tal, sugerimos que os estudantes conversassem entre si e com seus familiares sobre a lenda, de modo a ajudar na composição tanto do enredo quanto da personagem (isto é, da Matinta deles). Com os roteiros criados os estudantes passaram a realizar as encenações nos espaços disponíveis na escola, como quadra, sala de aula, bosque e biblioteca. Em alguns vídeos percebemos que os estudantes se organizaram para realizar algumas tomadas em suas casas.

Com as produções audiovisuais efetivadas, realizou-se a culminância com a exibição dos curtas e, em seguida, uma roda de conversa com os estudantes, onde os conduzimos a um olhar mais atento sobre como a representação da narrativa da lenda, bem como a própria personagem da Matinta, apresentam variações nas diferentes regiões do estado e dentro da comunidade escolar da qual faziam parte.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 DESCRIÇÃO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DOS ESTUDANTES

Vídeo 1: Sem título.



Os estudantes apresentaram uma estória na qual a Matinta é representada por uma figura feminina misteriosa, usando uma capa preta com capuz que envolve todo o corpo. Na narrativa, quando uma pessoa se recusa a dar café à Matinta, há uma forte presença do confronto entre o bem e o mal. Com o bem representado pela fé cristã e o mal simbolizado pela própria Matinta, que no final sucumbe diante de orações e da cruz.

Imagem 1: Print Screen de uma cena do vídeo 1



Fonte: Blogger Equipe de linguagens T.A disponível em:
<https://www.blogger.com/blog/post/edit/1139634479195955456/2919257034567012446>

Vídeo 2: A Matinta Perera do T.A.

Nesse vídeo os alunos dão destaque para a representação da passagem da maldição. Nesse caso a lenda é protagonizada por um homem também com capa preta e um rosto pálido, que realça suas olheiras. Se apoiando em um cajado, carrega a maldição e repassa para outra figura masculina.

Imagem 2: Print Screen de uma cena do vídeo 2



Fonte: Blogger Equipe de linguagens T.A disponível em:
<https://www.blogger.com/blog/post/edit/1139634479195955456/2919257034567012446>
 Vídeo 3: Sem título



Dois amigos conversam sobre a Matinta e um deles, incrédulo, para demonstrar que não tinha medo, evoca o ser mítico com palavras e assovios. Além de oferecer tabaco e uma xícara de café para a Matinta. Após isso, uma preta velha passa a visitá-lo em busca da oferenda. Com a negativa, a Matinta, dando um grito apavorante, deixa o sujeito desacordado.

Imagem 3: Print Screen de uma cena do vídeo 3



Fonte: Blogger Equipe de linguagens T.A disponível em:
<https://www.blogger.com/blog/post/edit/1139634479195955456/2919257034567012446>

Vídeo 4: Mati-tapere

Uma jovem imprudente com os conselhos de seu avô a respeito dos *encantados*, ao retornar de uma festa no interior é confrontada pela Matinta dentro da mata, no caminho para sua casa. Paralisada pelo medo, a jovem resgata uma lembrança de seu avô orientando-a a oferecer tabaco e café para a Matinta em um eventual encontro com a entidade. A moça procede conforme a recordação lhe mostrará e, para sua surpresa, o medo vai embora e, junto com ele, a Matinta. No dia seguinte, a Matinta, representada por uma mulher usando sombrinha e uma capa preta, aparece em sua casa em busca do prometido.

Imagem 4: Print Screen de uma cena do vídeo 4



Fonte: Blogger Equipe de linguagens T.A disponível em:
<https://www.blogger.com/blog/post/edit/1139634479195955456/2919257034567012446>

Vídeo 5: Matinta



Quando ouve gritos perguntando “quem quer?”, uma moça, desiludida no amor, sucumbi à oferta da Matinta, ao respondê-la com um simples “eu quero”. Transformada em Matinta a moça desaparece e reaparece 10 anos depois arrebatando estudantes da escola onde um dia estudou.

Imagem 5: Print Screen de uma cena do vídeo 5



Fonte: Blogger Equipe de linguagens T.A disponível em:
<https://www.blogger.com/blog/post/edit/1139634479195955456/2919257034567012446>

4.2 IMAGINÁRIO COLETIVO ABRANGENTE (CENSO COMUM) E IMAGINÁRIO COLETIVO RESTRITO

O imaginário coletivo abrangente se revela ao verificarmos como a manifestação da lenda é descrita em um território maior. Isto é, em um estado ou em uma região do país. Ao abordarmos as lendas amazônicas verificamos que, embora compartilhem características comuns, elas apresentam dinâmicas diferentes ao compararmos seu uso ou atuação em locais diferentes. Em municípios do interior, sobretudo em suas zonas rurais essa variação é reduzida. Contudo, nos meios urbanos, evidenciamos narrativas com uma variedade de *matintas*.

A sugestão de encorajar os nossos estudantes ao aprendizado e produção de audiovisual, a partir das narrativas encontradas a respeito da lenda da Matinta, permeando construções artísticas em forma de imersão na cultura e no imaginário paraense, nos possibilitou a constatação de que, mesmo em um espaço pequeno de uma escola, comparado a um município ou uma região inteira, temos uma diversidade de relatos sobre o tema mítico em tela. E, ainda, ganhamos a percepção de como o personagem povoa o imaginário dos estudantes.

Apesar de encontrarmos, nos cinco vídeos analisados, a Matinta usando capa preta com capuz, notamos uma pequena variação no que ela traz na mão: ora um



cajado, ora uma foice semelhante à da morte, ora uma sombrinha. Quanto ao gênero das representações, há uma predominância da figura feminina, mas tivemos *matintas* sendo representadas por figuras masculinas.

Normalmente a maldição apresentada na lenda é passada àquele que aceitar a oferta da Matinta. Os desavisados respondem à pergunta “você quer?” com um “eu quero!”. É o suficiente para carregar a maldição até o fim da vida. No entanto, no vídeo 4, há uma mudança nessa dinâmica, com a maldição sendo passada a partir da ingestão de um biscoito de chocolate.

Dos três tipos de Matinta descritos pela pesquisadora Fares (2025), identificamos, nas produções dos estudantes, apenas representações de *matintas* terrestres. Tal fato possivelmente esteja relacionado a limitações técnicas quanto a produção de figurino e ao domínio de efeitos especiais capazes de representarem as matintas invisíveis e as voadoras. Nesse ponto entendemos que possivelmente houve uma interferência no resultado, uma vez que a representação da Matinta terrestre aparentemente mostrou-se mais adequado aos recursos que os estudantes dispunham na escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que abordar a cultura regional na escola deve ser uma prática transcendental, no sentido de a mesma oportunizar aos estudantes a intimidade com nossa identidade cultural. Em se tratando da área de saber Arte, ou até mesmo a área de conhecimento de Linguagens e suas tecnologias, o ideal é que consigamos, junto aos estudantes, a promoção e consolidação de habilidades e competências que os tornem capazes de dialogar conscientemente. Isto é, dialogar com fluência naquilo que nos identifica. Portanto, oportunizar maior contato com nossas manifestações está muito além do simples fato de atender o que a base nacional comum curricular (BNCC) estabelece ao prever o trabalho com características regionais. Pois oportunizar exige mobilização de professores e alunos em um percurso formativo significativo e com repercussões duradouras quanto a valorização e pertencimento de nossas manifestações culturais.



A produção dos estudantes evidencia o alto nível de envolvimento dos participantes que, ao longo do processo, demonstraram interesse pelo tema e pela proposta de trabalho com o audiovisual. Tal engajamento é percebido na articulação exigida para as produções, seja convencendo servidores da escola em participar da produção, como foi o caso do porteiro da unidade, que teve uma participação em um dos vídeos, e de tantos outros que viabilizaram o uso da biblioteca, da copa, da quadra, do estacionamento e das salas de aula como set de filmagem. Diante disto, podemos afirmar que essa atividade transcende uma experiência genérica com arte e cultura, alcançando um patamar de experiência estética na qual os estudantes puderam criar e, portanto, se expressar artisticamente.

REFERÊNCIAS

DE OLIVEIRA, Marcelo Araújo; BARBOSA, Raulysen Guilherme Resplande. A comparação entre os imaginários amazônicos nos contos *A Feiticeira*, de Inglês de Sousa e *a Matinta Perera da Pedreira*, de Walcyr Monteiro. In: ALVES, Cristiane de Mesquita (org.). *Notas de estudos de Literatura Amazônica: uma escrita por acadêmicos da graduação* [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://www.editorafi.org/100literatura>. Acesso em: 8 set. 2025.

FARES, Josebel Akel. Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico. Boitatá, Londrina, v. 2, n. 3, p. 62–77, 2007. DOI: 10.5433/boitata.2007v2.e30706. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/30706>. Acesso em: 8 set. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. 5ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

PINHO, Rudá Silva de. "*É assobio de Matinta*", é presságio de visagem: notas sobre memórias e mitos em um estudo etnográfico no bairro do Guamá-Belém/PA. 2019. 162f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/items/e09660e4-cfc3-41a5-8b4b-2590976435b0>. Acesso em: 8 set. 2025.